

Sessão Coordenada 65 - **NOVAS DIREÇÕES DA PESQUISA BRASILEIRA SOBRE DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO**

AMIGOS IMAGINÁRIOS: NATUREZA, FUNÇÕES E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO. *Natália Benincasa Velludo (Universidade Federal de São Carlos/UFSCar), Débora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)*

A presente pesquisa teve como objetivo principal explorar a criação de amigos imaginários em uma amostra de crianças brasileiras em idade escolar, sendo a primeira no país a investigar a sua relação com o desenvolvimento sociocognitivo. Embora o número de estudos sobre essa manifestação de brincadeira simbólica tenha crescido muito nos últimos quinze anos, algumas questões importantes sobre a natureza e função dos amigos imaginários, bem como sobre as relações entre esse tipo de faz de conta e outras habilidades sociocognitivas ainda precisam ser mais bem investigadas. No Brasil, em particular, a pesquisa com enfoque desenvolvimental sobre os amigos imaginários (i.e., estudos sobre a idade em que os amigos imaginários surgem, suas funções e as atitudes parentais em relação ao fenômeno) é ainda muito escassa. Quarenta crianças, entre 6 e 7 anos (M idade = 7;1, DP = 5,29) participaram do presente estudo, sendo 21 meninas e 19 meninos, todas recrutadas em uma escola de ensino fundamental da rede estadual de uma cidade do interior de São Paulo. Dentre os participantes, 18 foram classificadas no grupo de crianças que possuem um amigo imaginário e 22 no grupo de crianças que não relatam ter amigos imaginários. Foram utilizadas três tarefas de teoria da mente, um teste de compreensão emocional (TCE) e uma medida de vocabulário (TVIP), bem como uma entrevista sobre engajamento em fantasia e outra sobre amigos imaginários, para explorar as características de tais criações. A hipótese defendida era a de que as crianças com amigos imaginários apresentariam escores significativamente maiores nessas medidas em relação ao grupo de comparação. Adicionalmente, um roteiro de entrevista sobre a família e o universo de fantasia da criança foi aplicado em 11 responsáveis de participantes do estudo. Conforme esperado, os relatos de companhias imaginárias recolhidos mostraram-se ricos e apresentaram funções parecidas com aquelas de estudos internacionais (e.g., companhia, diversão, conforto emocional). As crianças com amigos imaginários apresentaram escores mais elevados do que as crianças sem esse tipo de criação na medida de vocabulário receptivo ($t(38) = -2,10$, $p = 0,042$), mas não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito à teoria da mente ($U = 183,5$, $p > 0,05$, $r = -0,07$) e à compreensão emocional ($t(38) = -1,11$, $p > 0,05$). Pesquisas como esta podem ajudar a desmistificar essa forma de faz de conta, sobre a qual pouco se fala na mídia e na comunidade científica, bem como colaborar com a instrução de pais e educadores sobre a criação de amigos imaginários, e finalmente, contribuir para a pesquisa internacional, ao fornecer dados provenientes de uma cultura específica. Além disso, o presente trabalho oferece evidências de que a criação de amigos imaginários não se associa a déficits em desenvolvimento, e pode inclusive ser um preditor de habilidades mais sofisticadas, como por exemplo, um vocabulário mais desenvolvido.

Amigos imaginários, desenvolvimento sociocognitivo, crianças escolares
CAPES INCT-ECCE (FAPESP, CNPq)

Mestrado - M

DES - Psicologia do Desenvolvimento

O DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO DE MENTIRA PRÓ-SOCIAL EM CRIANÇAS BRASILEIRAS. *Daiane Araujo de Arruda (Universidade Federal de São Carlos/UFSCar), Débora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)*

As crianças são expostas, desde muito cedo, a normas e expectativas sociais. Assim, aprendem sobre como devem agir, pensar e responder, sobre o que é aceitável ou não em nossa cultura. Por exemplo, as crianças frequentemente ouvem a máxima “não se deve mentir”. Ao mesmo tempo, elas testemunham situações em que a mentira é não apenas aceita, mas recomendada para não ofender ou magoar outra pessoa. A mentira que tem por objetivo a aceitação social é chamada de mentira pró-social e serve para evitar constrangimentos, para preservar a privacidade e os vínculos afetivos ou até escapar de uma situação embaraçosa. Uma questão importante a ser investigada é a de como as crianças conciliam essas regras aparentemente contraditórias e as usam de forma adaptativa em situações sociais. Estudos recentes têm apontando para diferenças culturais importantes em relação aos contextos nos quais a mentira pró-social é utilizada. Há evidências de que em culturas coletivistas, as crianças são mais propensas a mentir para beneficiar um grupo, enquanto em culturas individualistas, as crianças são mais propensas a mentir para beneficiar um único indivíduo. O presente estudo pretendeu contribuir nessa mesma direção ao investigar o desenvolvimento da compreensão da mentira pró-social em uma amostra de crianças brasileiras. Participaram deste estudo 100 crianças de três grupos de idade (7, 9 e 11 anos), estudantes de uma escola municipal de uma cidade no interior de São Paulo. Foi utilizada a versão traduzida e adaptada de um procedimento criado para um estudo transcultural sobre mentira pró-social com crianças canadenses e chinesas. A pesquisadora apresentou quatro histórias que envolvem dilemas em que a criança deveria decidir se deve: (1) mentir para ajudar um indivíduo e prejudicar o coletivo; (2) mentir para ajudar o coletivo e prejudicar um indivíduo; (3) dizer a verdade para ajudar um indivíduo e prejudicar o coletivo; e (4) dizer a verdade para ajudar o coletivo e prejudicar um indivíduo. Uma ANOVA de medidas repetidas revelou uma interação significativa entre idade e beneficiário, tanto quando o contraste era entre mentir pelo grupo x mentir para favorecer um amigo, $F(2, 47) = 3,59$, $p = 0,03$, quando o contraste era entre mentir pelo grupo x mentir para beneficiar a si próprio, $F(2, 44) = 4,17$, $p = 0,02$. Na primeira situação, as crianças dos três grupos de idade são mais propensas a privilegiar o amigo em detrimento dos interesses do grupo, no entanto, as crianças de 11 anos apresentam uma preferência maior para a escolha que favorece o amigo ($M = 1,55$) do que as crianças de 7 ($M = 1,24$) e de 9 anos ($M = 1,09$). Na segunda situação, as crianças de 9 anos apresentam escores mais elevados de mentira que beneficia a própria criança ($M = 0,94$) em comparação às de 7 anos ($M = 0,44$) e as de 11 anos ($M = 0,61$). Os resultados do presente estudo são, em parte, consistentes com os dados obtidos com crianças canadenses, mas estudos futuros devem investigar as características da cultura brasileira que influenciam a prática da mentira pró-social no país.

Mentira pró-social, cultura, cognição social.

FAPESP INCT-ECCE (FAPESP, CNPq)

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento

A HORA DA HISTÓRIA: LINGUAGEM E COMPREENSÃO DO MUNDO SOCIAL NA ESCOLA. *Allana Rodrigues Alaion (Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP), Sara Del Prete Panciera (Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

O presente estudo investigou relações de precedência entre a linguagem e o conhecimento que a criança manifesta a respeito do mundo social. Foram objetivos da pesquisa verificar os efeitos de uma intervenção lingüística, realizada por professoras, no desenvolvimento de uma teoria da mente em crianças pré-escolares, e analisar como essas professoras avaliam sua prática de contar histórias. Participaram do estudo 44 crianças de 4;4 a 5;3 anos de idade, matriculadas em duas classes de períodos distintos de uma EMEI, assim como as 2 professoras responsáveis por essas classes. Cada uma das salas contava com 22 crianças, sendo que uma delas funcionou como Grupo Experimental e a outra como Grupo Controle. Para o período de intervenção, quatro histórias foram contadas pelas professoras no período de 4 semanas, no momento normalmente destinado para essa atividade na rotina das classes, mas apenas a professora do GE teve orientação para contá-las de maneira a explorar o uso dos termos mentais e engajar as crianças na situação conversacional que se organizava em torno da contação. Junto à professora do GE foram realizados 4 encontros de instrução, com duração aproximada de 30 minutos. À professora do GC foi dada a orientação de contar as histórias como cotidianamente fazia na sua rotina com a sala. Ambos os grupos de crianças foram avaliados antes e depois do período de contação de histórias com o uso das 5 primeiras tarefas da Escala de Tarefas em Teoria da Mente. Os resultados indicaram que o número de acertos dos dois grupos de crianças foi maior no pós que no pré-teste, independente do grupo ($p > 0,05$). Entretanto, quando se considerou apenas a soma dos acertos nas tarefas da escala que dizem respeito especificamente a atribuição de falsa crença (Tarefas 4 e 5), verificou-se que no GC o número de acertos se manteve o mesmo entre o pré e o pós-teste (12), enquanto no GE o número de acertos passou de 12 no pré-teste para 20 no pós-teste ($p > 0,05$), indicando que as práticas lingüísticas adotadas na intervenção tiveram um efeito favorecedor especificamente sobre o desenvolvimento da compreensão da noção de falsa crença. As professoras foram sistematicamente acompanhadas antes, durante e imediatamente após o período de intervenção. Apesar do efeito encontrado em função das práticas lingüísticas, a professora do GE relatou durante o período de intervenção que não identificava diferenças quanto à sua maneira habitual de contar histórias, e apenas na última entrevista afirma que percebeu “algo novo”, mas não sabia como nomeá-lo ou explicar a diferença observada. Levantam-se as hipóteses que a professora do GE já tem incorporada a prática de explorar as características e ações dos personagens durante a contação, mas não seus estados mentais, além de que certas características da contação, por ser prática tão freqüente na cultura, apenas seriam percebidas quando se demanda uma reflexão explícita a respeito da maneira como se conta a história, e quando se oferece subsídios para avaliar os vários fatores em jogo durante a contação.

Sociocognição, teoria da mente, linguagem

CNPq

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento

BULLIYNG E COMPREENSÃO SOCIAL: REVISÃO NARRATIVA. *Tainá Batista Pedroso (Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP), Sara Del Prete Panciera (Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

A prática do bullying é um tema que tem sido estudado no âmbito da sociocognição e, nessa perspectiva, tem motivado muitos debates. O presente estudo é uma revisão narrativa da literatura com o objetivo de explorar as relações entre o desenvolvimento de uma teoria da mente e a prática do bullying em crianças e adolescentes com desenvolvimento típico. A busca bibliográfica foi realizada nas principais bases de dados da língua inglesa – CAPES, Lylacs, PsyInfo – e da língua portuguesa – Scielo, por artigos científicos que tinham simultaneamente em suas palavras-chave “teoria da mente” e “bullying”, publicados até 2013. Com esses parâmetros foram encontrados um total de 37 artigos. Os critérios para a seleção dos artigos a serem analisados incluíram os estudos que investigavam diretamente a relação entre esses temas e também estudos que comentavam a respeito da relação entre eles. Foram excluídos os estudos que falavam de bullying e teoria da mente separadamente, sem relacioná-los, estudos que não tratavam de crianças e/ou adolescentes com desenvolvimento típico ou que não tinham o ser humano como objeto de estudo. A análise dos artigos evidenciou um intenso debate no que diz respeito a como o praticante de bullying é visto em relação à cognição e às habilidades sociais. Duas perspectivas parecem mais difundidas entre a comunidade acadêmica. A primeira, chamada “teoria do déficit de habilidades sociais”, sustenta que o praticante de bullying seria carente de habilidades sociais. A segunda perspectiva, mais aceita atualmente, afirma que o praticante de bullying é competente socialmente, e que faria uso das habilidades sociais para ter ganhos pessoais, poder e para manipular o outro. A contradição aparente entre as perspectivas, entretanto, pode estar relacionada a variações na consideração de um perfil para o praticante de bullying. Em alguns estudos, considera-se um praticante de bullying qualquer criança agressiva, seja de forma reativa ou proativa. A maioria dos estudos que levam esse tipo de perfil em conta, não chega a resultados conclusivos em relação à teoria da mente. Por outro lado, pesquisas que consideram o praticante de bullying como tendo características de líder, que possui poder e manipula os demais, sendo chamado de bullying de liderança, ou ringleader bullying, encontraram algum tipo de relação entre a teoria da mente e o bullying. Em relação à vítima do bullying, estudos têm encontrado uma relação com menores escores das crianças em teoria da mente. De forma geral, mesmo os estudos que encontram relação entre os dois temas, ressaltam a importância de se considerar múltiplos fatores, dado que não é exclusivamente a compreensão do mundo social que motivaria o comportamento do praticante de bullying. É consenso que se necessita mais estudos sobre o assunto, mas a questão emocional, afetiva e de situação de vulnerabilidade na infância aparecem como hipóteses importantes.

sociocognição, teoria da mente, bullying

CNPq

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento



AUTISMO E TEORIA DA MENTE: ESTADO DA ARTE. *Patrícia Lorena Goncalvez** (Universidade Guarulhos/Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), *Simone Ferreira da Silva Domingues* (Universidade Cruzeiro do Sul/Universidade Guarulhos, São Paulo, SP)

A presente pesquisa refere-se a uma revisão sistemática, cujo objetivo foi revisar a produção intelectual sobre Teoria da Mente e Autismo. No intuito de delinear o “estado da arte” da ciência psicológica, foi realizada uma análise das produções localizadas nos bancos de dados eletrônicos em âmbito nacional. A busca por produções, essencialmente acadêmicas, foi realizada em três bancos de dados diferentes: Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-Psi), Bireme e Portal Capes. Os documentos foram acessados com a combinação dos seguintes termos de indexação e palavras-chave: “teoria da mente e autismo” e “autismo e tarefa de crença falsa”. Foram localizados, no período de 1996 a 2012, vinte e um trabalhos sobre o tema, sendo um total de doze artigos, sete Dissertações e duas Teses. Dos artigos publicados sete são trabalhos teóricos e apenas cinco empíricos. Os principais instrumentos para avaliação da teoria da mente foram: Teste de Ane e Saly; Tarefas de segunda ordem; Tarefas de crença falsa e Teste do caminhão do sorvete. Os anos que mais se concentraram as pesquisas foram 2008 (3) e 2009 (3). O periódico que concentrou o maior número de publicações sobre o tema, foi Psicologia Reflexão e Crítica, com quatro publicações das 12 encontradas. Bosa foi a única autora com dois artigos publicados no período, os outros autores só apareceram uma vez nas publicações. O principal tema de pesquisa abordado nas dissertações e teses, levando em conta apenas os resumos do Portal Capes, relacionou-se à investigação de possíveis déficits na formação de uma teoria da mente em sujeitos com autismo. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul publicou o maior número de defesas na área, um total de três das nove localizadas. Das dissertações e teses publicadas dois são trabalhos teóricos e apenas sete empíricos. Do total das doze pesquisas empíricas publicadas, dez tiveram como participantes pessoas com transtorno do espectro do autismo, dois estudos com adictos e neurotípicos. Dos dez trabalhos somente dois tiveram crianças menores de 12 anos na sua amostra e com poucos participantes. Esta meta análise revela uma escassa produção brasileira em torno do tema, vinte e um trabalhos publicados em dezesseis anos. Podemos observar dois períodos de maior produção: De 1996 a 2001 – sete trabalhos publicados - e de 2006 a 2009 – oito trabalhos publicados. Os resultados desse estudo inferem urgência de novas pesquisas com amostras maiores, uma vez que estudiosos do tema defendem o avanço das tecnologias em exames cerebrais e ampliação do conhecimento sobre o transtorno como propulsores dos altos índices de diagnóstico de autismo no mundo.

sociocognição, teoria da mente, autismo

CNPq

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento